

Introdução ao estudo da História da Igreja

Ao longo do estudo da História do Mundo, personagens distantes de nosso tempo foram tomados como “históricos”, enquanto outros tão distantes quanto ou até mesmo mais próximos de nós, foram considerados “míticos” ou “religiosos”, e essa denominação não condiz para com a autenticidade e muito menos com a quantidade de citações encontradas (escritos, pinturas, estátuas ou relatos de tradição oral) mas unicamente por serem esses personagens relacionados à História da Igreja.

A mais antiga instituição humana é também o alvo mais comum de desinformação e tentativas por parte da academia em apagar sua história, borrar seus feitos e difamar sua atuação no mundo. Como disse o historiador brasileiro João Camilo de Oliveira Torres (1915 – 1973) a respeito do cristianismo brasileiro:

As pessoas que adotam, por um motivo ou outro, uma atitude desfavorável em face do catolicismo brasileiro, esquecem-se de um fato importante – raramente um povo tem sofrido uma propaganda antirreligiosa tão intensa como o povo brasileiro e tem resistido tão bem. A imprensa, as editoras, as cátedras das universidades, os círculos governamentais, as doutrinas oficialmente estabelecidas, todos os instrumentos ilustres de difusão de ideias foram utilizados, a tal ponto que, antes de 1930, tornou-se quase um dogma a relação entre cultura e irreligiosidade. Propaganda bem feita, sem usar da violência que gera mártires, mas do silêncio, da indiferença, do apelo aos métodos indiretos, muitas vezes apelando para a ação subliminar.¹

Esse trabalho pérfido, muito bem observado pelos olhos atentos de nosso ilustre católico mineiro, João Camilo, não é uma ação teimosa-esporádica que passa de geração em geração por um sentimento comum iluminista, antes é uma ação coordenada por inimigos da fé cristã, que veem na Igreja [apenas] uma das características desse o Corpo de Cristo: é a Igreja o povo responsável por cultivar o Reino de Deus, e fazê-lo produzir muitos frutos. Essa tarefa foi explicada em detalhes pela própria Pedra Fundamental no Evangelho de Mateus (21,33-45):

Havia um certo proprietário de terras, que plantou um campo de videiras. Ergueu uma cerca ao redor delas, construiu um tanque para prensar as uvas e edificou uma torre. Finalmente, arrendou essa vinha para alguns vinicultores e foi viajar. Chegando a época da safra, enviou seus servos até aqueles lavradores, para receber os seus dividendos. Porém os lavradores atacaram seus servos; a um espancaram, a outro mataram, e apedrejaram o terceiro. Então lhes mandou outros servos, em maior número do que da primeira vez, mas os lavradores os trataram da mesma maneira. Por fim, decidiu enviar-lhes seu próprio filho, considerando: ‘Eles respeitarão o meu filho’. Contudo, assim que os lavradores viram o filho, tramaram entre si: ‘Este é o herdeiro! Então vamos, nos unamos para matá-lo e apoderemo-nos da sua herança’. E assim, eles o agarraram, jogaram-no para fora da plantação de videiras e o assassinaram. Sendo assim, quando vier o dono da vinha, o que fará com aqueles lavradores?’ Diante disso, responderam-lhe: “Ele destruirá esses perversos

¹ TORRES. João Camilo de O. *Interpretação da Realidade Brasileira*. Editora da Câmara dos Deputados. Brasília, 2017.

de forma terrível e arrendará seu campo de videiras para outros cultivadores que lhe enviem a sua parte no devido tempo das colheitas”.

Então Jesus lhes inquiriu: “Nunca lestes isto nas Escrituras? ‘A pedra que os construtores rejeitaram, tornou-se a pedra angular; e isso procede do Senhor, sendo portanto, maravilhoso para nós’.

Por isso, Eu vos declaro que o Reino de Deus será retirado de vós para ser entregue a um povo que produza frutos dignos do Reino. Todo aquele que cair sobre esta pedra se arrebeitará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó!”

Depois que os chefes dos sacerdotes e os fariseus ouviram as parábolas que Jesus lhes havia contado, compreenderam que era sobre eles próprios que Jesus estava falando.

Por meio de uma parábola, o Cristo anuncia que Deus ergueu um vinhedo seu e deixou a cargo de seu povo cuidar da propriedade, mas não apenas aquele povo tomou posse do vinhedo do Senhor como também passou a matar seus servos, os profetas, enviados de tempos em tempos para verificar o desenvolvimento da propriedade. Após ver seus criados assassinares os profetas vez após vez, o Senhor enviou seu próprio Filho, pois pensou “eles respeitarão o um filho”, porém, “jogaram-no para fora da plantação de videiras e o assassinaram”. Jesus aqui revelava (ainda que seus ouvintes não tivessem ouvidos para ouvir) seu próprio futuro próximo, seria levado para fora de Jerusalém e assassinado (Hb 13,12.13). Após sua morte, o Senhor da vinha, o próprio Deus, entregará a vinha a outros povos e não mais aos antigos servos, claramente uma menção da Nova Aliança, firmada entre Deus e todos os povos da Terra no sangue do seu filho, morto sacrificialmente, e esses novos administradores lhe enviarão “a sua parte no devido tempo das colheitas”. Toda a História da Igreja está descrita nessa parábola, seu nascimento a partir da rejeição do povo judeu para com Deus, seu trabalho durante todos os séculos em que cuidará da vinha da Videira verdadeira (Jo 15.1), e seu encontro para prestação de contas com o Senhor da Vinha, quando então serão cobrados os resultados do trabalho.

Nosso método de estudo

Para entender o Corpo do qual Cristo é a cabeça (Cl 1,18) é necessário entender a) o momento no qual Cristo se apresenta ao mundo; b) o mundo em que Cristo nasceu e viveu; e c) a essência (razão, objeto e futuro) da Igreja. Por isso, aqui começaremos por buscar compreender o que é a plenitude dos tempos (respondendo à questão “a”), assim como conheceremos o mundo no qual a Igreja de Cristo é apresentada aos homens, o mundo greco-romano (questão “b”), para só depois estudarmos a Igreja (“c”). Apenas após entender esse mundo e captar a imaginação helênica passaremos a tratar do mundo hebraico – que é o núcleo no qual Cristo nasce, cresce e desenvolve seu ministério. Na sequência, dá-se a morte do Salvador e inicia-se o desenrolar dos eventos que formarão a Igreja estendendo a ação redentora a todos os povos da Terra, é aqui que nos deteremos por mais tempo, afinal passaremos por dois mil anos de história, buscando deixar escapar apenas eventos focais (impossíveis de serem listados todos), sem perder nada do primeiro plano da história eclesiástica. É o tempo de labor dos trabalhadores da vinha.

Optamos por iniciar com a compreensão do imaginário greco-romano para que cada aluno/leitor possa entender trechos como este:

Tendo Jesus chegado ao templo, enquanto ensinava, acercaram-se dele os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo e o questionaram: “Com que autoridade fazes estas coisas aqui? E quem te deu essa autorização?” Jesus, porém, replicou-lhes: “Eu igualmente vos lançarei uma questão. Se me responderdes, também Eu vos direi com que autoridade faço o que faço. De onde era o batismo de João? Divino ou humano?” E eles discutiam entre si, avaliando: “Se respondermos: divino, Ele nos indagará: ‘Sendo assim, por que não acreditastes nele?’ Porém, se alegarmos: humano, tememos o povo, pois todos consideram João como profeta”. Por isso disseram a Jesus: “Não sabemos!” Ao que Jesus afirmou-lhes: “Nem Eu vos direi com que autoridade procedo. – Mt 21,23-27²

Por que os chefes sacerdotais e os anciãos do povo não entenderam sequer o batismo de João, apesar de as profecias – que eram a base cultural daquela sociedade – falarem sobre a vinda daquele que endireitaria os caminhos do Senhor (Is 56,1)? Por que grande parte do povo da época de Cristo não acreditava em sua divindade, mesmo sendo ele grande operador de milagres? Por que os chefes dos sacerdotes e os anciãos tinha medo do povo, evitando declarar a descrença na grandeza de João Batista? E por fim, por que Cristo não respondia a todos que lhe perguntavam, convencendo assim um maior número de ouvintes? Para entender todos esses pontos, o leitor não deve procurar um texto com as respostas, mas simplesmente conseguir ouvir e ser questionado como os chefes sacerdotais e os anciãos do povo judeu. Essa é nossa primeira meta.

Após absorvermos o bastante para “ouvir e pensar como um helênico da Era Pré-cristã”, poderemos ouvir a pregação do Ungido de Deus e caminhar, juntamente com os apóstolos e discípulos, por todo o mundo mediterrâneo, assistindo milagres e maravilhas maiores dos que os realizados por Cristo, poder de Deus manifesto para testificar a autenticidade da mensagem e veracidade da Boa Nova. Congregaremos em memória com a Igreja Apostólica e veremos a Sã Doutrina sendo compreendida e ministrada à Igreja, em um período guardado pelo Espírito Santo de Deus para que esse edifício pudesse ser estabelecido sobre a Rocha inabalável (1Co 10,4; Mt 7,24.27).

Após ver a Pedra Fundamental ser lançada e os pilares do edifício erguidos, acompanharemos essa construção rumo à conclusão, ou para utilizar a linguagem do menor dos apóstolos, Paulo, assistiremos a noiva ser adornada (Ef 5,25-27), processo que só se concluirá no fim dos tempos, pois é ele mesmo o sinal de que a vinda do Noivo pode ocorrer, e as bodas serem comemoradas (Mt 25) na grande festa que o Pai dará em comemoração ao casamento de seu Unigênito (Mt 22).

Com a Igreja estabelecida e expandida em todo o mundo helênico, acompanharemos o tempo de grandes desafios que os discípulos enfrentaram, tempo da manifestação da heresia prenunciada pelo apóstolo Paulo, quando adverte os presbíteros da Igreja em Éfeso, dizendo:

[...]tende cuidado de vós mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos estabeleceu como episcopos para pastoreardes a Igreja de Deus, que Ele comprou com o sangue do seu Filho Unigênito. Eu sei que, logo após minha partida, lobos ferozes se infiltrarão por entre a vossa comunidade e não terão piedade do rebanho.”

² A tradução da Escritura Sagrada utilizada será sempre a Bíblia King James Atualizada (salvo exceções apontadas).

A respeito desse tempo de ataques à sã doutrina, o Bispo de Cesaréia registrou:

“Depois do martírio de Tiago, o Justo, em imitação ao do Senhor e em prol da mesma doutrina, seu primo, Simeão, filho de Cléofas, foi estabelecido bispo. Todos o preferiram, como segundo bispo, porque era primo do Senhor. A Igreja era então denominada virgem, porque não fora maculada por vãos discursos.

Foi Tebutis, contrariado por não se ter tornado bispo, quem começou no meio do povo a manchá-la com as sete seitas, das quais ele próprio era membro. Destas seitas saíram Simão, do qual se originaram os simonianos (cf. At 8,18); Cleóbio, do qual vieram os cleobinianos; Dositeu, origem dos dositeanos; Gorteu, do qual são provenientes os gorteanos, e os masboteus. Destes são oriundos os menandrianitas, os marcionitas, os carpocratianos, os valentianos, os basilidianos, os satornilianos. Cada um deles, de modo particular e diversificado introduziram a própria opinião.

Destes também originaram-se pseudocristos, pseudoprofetistas, pseudo-apóstolos, que romperam a unidade da Igreja com discursos corruptores contra Deus e o seu Cristo.”³

“Romperam a unidade da Igreja com discursos corruptores”, são palavras que acompanharão toda a história da comunhão dos santos pois a Igreja nunca mais se verá livre das investidas de Satanás, pelo contrário terá de vigiar e enfrentar cada nova divisão doutrinária para manter a unidade na fé como foi dito por Paulo aos Efésios:

“Ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com o propósito de aperfeiçoar os santos para a obra do ministério, para que o Corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da estatura da plenitude de Cristo.” – Ef 4,11-13

Tais divisões se farão presente em todos os campos da vida da Igreja, seja político (com a disputa de poder entre a Igreja e o Estado), geográfico (com a missão primeira dos cristãos, o “ide” de Cristo), doutrinário (a própria busca da unidade da fé), eclesiástico (com os líderes tendo de entender e decidir sobre o funcionamento da Igreja em cada nação e cultura), enfim... veremos por toda a História que a busca da unidade da fé é o próprio *modus vivendi* dos crentes.

O início da Igreja no período imperial

A grande conquista que é conhecida por todos, a liberdade de culto concedida aos cristãos pelo imperador Constantino em 313 d.C foi uma primeira grande vitória da Igreja, a partir daí o estudo da História entra em um novo tempo, com o cristianismo compondo o poder político nas monarquias e caminhando por séculos em lutas diversas, mas sempre como parte componente do imaginário comum, não enfrentando a luta moderna de uma liberdade social a partir da separação entre gestão política e fé no Criador. Chegaremos então ao momento conhecido como o Grande Cisma, que separou a Igreja [eclesiástica] em duas: Igreja Católica Apostólica

³ Eusébio de Cesaréia em História Eclesiástica, citando Hegesepo (ou Santo Hegésipo), conhecido cronista membro da Igreja primitiva que morreu no fim do séc. II.

Romana e Igreja Católica Apostólica Ortodoxa. Se a Igreja nunca foi um corpo homogêneo – sofisma comum no imaginário popular –, uma vez que desde o seu nascimento enfrentou divisões sequenciais como a separação entre judeus e helênicos (At 15,5) e seguidores de escolas doutrinárias específicas (1Co 3,4), a partir do grande cisma veremos que esse Corpo não pode ser destruído, mas cresce a cada nova divisão interna à semelhança do crescimento exponencial que a marcou no séc. I, quando Pedro e Paulo se dividem e conquistam, ainda que com visões diferentes, todo o mundo de seu tempo para a Cruz de Cristo (Gl 2,6-8).

Cinco séculos após a grande divisão da igreja no oriente e no ocidente, passará a Igreja mais uma vez por um momento marcante, a Reforma Protestante. Foi aqui que o Corpo de Cristo enfrentou seu maior debate doutrinário, do qual saiu uma Igreja, mais uma vez, ainda maior e com alcance poderosamente mais popularizado em toda a Europa. Com a utilização da tecnologia de ponta da época – a prensa móvel criada por Johannes Gutenberg no século anterior –, os reformadores impulsionaram a Boa Nova escrita por todo o mundo europeu e conquistaram reinos de norte a sul, leste a oeste do Velho Mundo. A partir desse momento o mundo cristão passará a se ver dividido doutrinariamente, com a Igreja Católica Romana proclamando-se a guardiã da História Eclesiástica da Igreja, e a Igreja Reformada pregando que o Corpo de Cristo não é físico, mas espiritual e, portanto, não pode ser reclamado por nenhuma organização. Baseados nessa leitura das Escrituras, a Igreja passará a se desenvolver em duas frentes que perduram até nosso tempo, tempo em que chegaremos no fim de nossa caminhada observando o desenrolar do trabalho evangelístico ao longo de dois mil anos de história.

Como se deu a propagação da fé no século XX? Quem foram os grandes evangelistas que levaram o Evangelho da Paz em meio às duas grandes guerras e, posteriormente, tiveram de contrabandear bíblias para de trás da cortina de ferro, levando a Palavra de Salvação para gerações que nasceram e morreram em um mundo dominado pelo Comunismo? Como se deu o trabalho evangelístico no continente africano, um grande evento que começa no século XV e ainda se desenvolve com o trabalho missionário de congregações de todo o mundo, levando Cristo a um continente vítima de todo tipo de exploração política e econômica de grandes organizações globais?

Enfim, a história é longa e, olhando de perto faz-se necessário compreender cada ano desses dois milênios que se passaram entre a assunção de nosso Senhor e a esperança de seu retorno.

Observações

1. Nosso objetivo no presente trabalho não é escrever um material apologético, ou seja, sendo cristãos não estamos escrevendo para cristãos, mas para homens e mulheres que desejam conhecer a história da organização mais relevante da História da Humanidade. Da mesma forma, não temos por objetivo confrontar o Catolicismo Romano com o Ortodoxo ou o Reformado;
2. Este material não é doutrinário, dessa forma não entraremos em uma seara que fatalmente tornaria o presente projeto impossível de ser concluído, pois a cada apresentação teológica teríamos de defender o nosso posicionamento e atacar os demais, ou assumir a missão hercúlea de apresentar sempre todas as leituras teológicas da cristandade espalhada em diferentes realidades. O que faremos aqui é apresentar os fatos referenciados, o que anulará ao máximo (e esse é nosso desejo) a

opinião própria e lançará sobre os escritos referidos a responsabilidade de agirem como fonte⁴.

3. O material de pesquisa utilizado para produção do que aqui temos em mãos é demasiadamente longo, abrangendo escritos de autores de dezenas de nacionalidades e que viveram tanto na Grécia Antiga quanto autores ainda vivos. Assim, não seremos econômicos nas citações, seja por notas de rodapé, citações no próprio textos, referências bíblicas e quotes de trechos da Escritura⁵.

Fernando Melo
Brasília, 5 de janeiro de 2022

⁴ Esse é o modelo utilizado por Eusébio de Cesareia, que inspira e direciona o trabalho presente.

⁵ As citações bíblicas seguem as regras da ABNT.